

MEDO E DELÍRIO

.no.
cinema brasileiro
contemporâneo

Cine Humberto Mauro
24/OUT a 2/NOV . 2014

Pesadelos compartilhados

A tradição do cinema de gênero no Brasil sempre encontrou barreiras de todo tipo. Sucessos de público, os filmes ditos “populares” se afastaram da crítica quanto mais em série iam sendo produzidos. A grande distância entre o gosto massificado dos espectadores e a legitimação pela intelectualidade pôde ser percebida no período das comédias da chanchada, nos anos 1940, e dos subgêneros produzidos em escala nas ruas da Boca do Lixo paulistana, com filmes de aventura, policial, faroeste, suspense, melodrama, entre outros. Sim, o cinema brasileiro já produziu tudo isso, com boa parte dos títulos projetada pela presença significativa de elementos de erotismo e violência em meio a abordagens desiludidas e desafetadas para a realidade urbana do país.

Um dos fatores a emperrar um reconhecimento maior aos filmes de gênero no país, segundo observou em artigo a pesquisadora Laura Cánepa, seria um problema cultural, “já que nem todas as experiências de cinema clássico de gênero dizem respeito às características e preocupações do Brasil”, além do que “o projeto estético e político dominante para o cinema brasileiro priorizou, durante muito tempo, obras realizadas por uma elite de cineastas que se opunha aos modelos impostos pela poderosa indústria de Hollywood”. O cinema de horror, nesse sentido, acabou por ser um dos

mais prejudicados, pois, além de emular um gênero tipicamente estrangeiro, tem por essência provocar impacto, inquietação, ansiedade, sentimentos dúbios, às vezes asco e choque, no espectador.

Ao longo de 75 anos, a produção de filmes de terror no Brasil chega a quase 200 títulos, muitos deles absolutamente desconhecidos do público, ainda que vários levem a assinatura de nomes como Walter Hugo Khouri, Jean Garrett, Elyseu Visconti e Carlos Hugo Christensen. Muita gente pensa somente no *Zé do Caixão* quando o assunto é horror no Brasil, e mesmo assim o díptico *À meia-noite levarei sua alma* (1964) e *Esta noite encarnarei no teu cadáver* (1967) é bem menos visto e levado a sério do que deveria. Em 2009, a mostra *Horror no Cinema Brasileiro* circulou pelo Centro Cultural Banco do Brasil de Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, exibindo vários filmes realizados no país em épocas distintas e que se encaixavam nas definições do gênero.

Quando o cinema brasileiro foi retomada em 1994, após o vácuo iniciado quatro anos antes pelo fim da Embrafilme, o gênero entrou numa crise ainda maior. Não era legitimador fazer filmes de terror quando a produção local precisava firmar-se novamente diante da crítica e do público. Na contracorrente, alguns trabalhos inseriam elementos do gênero em suas narrativas, ainda que raramente assumissem o vínculo a uma historiografia do horror.

A mostra *Medo e Delírio no Cinema Brasileiro Contemporâneo* reúne parte dessa produção dos últimos 20 anos sob um mesmo recorte: o de filmes, em sua maioria lançados no circuito comercial, que se enquadram

na categoria do terror. Vários dos trabalhos incorporam referenciais de outros gêneros em suas dramaturgias (drama, comédia, suspense, romance), criando híbridos capazes de provocar saudáveis (ora assustadores, ora hilários) curtos-circuitos. Mais que reunir os filmes, pretendemos retirar o horror do gueto, trazê-lo à discussão e refletir sobre o quanto ele pode servir de espaço de experimentação, risco e ousadia estética, travestido de narrativas por vezes simples, nem sempre muito claras, muitas vezes insuspeitas de carregarem tantas camadas de percepção e apreensão.

Nos longas e curtas-metragens exibidos na mostra, estão psicopatas, coveiros, lobisomens, investigadores de seguro, legistas, zumbis, demônios, exorcistas, mães alucinadas, monstros, detetives, entre vários outros tipos que permeiam o imaginário do gênero nas suas infinitas vertentes. Para ampliar e perpetuar a reflexão, este catálogo contém ensaios dos pesquisadores Laura Cánepa, Carlos Primati e Rodrigo Carreiro, os três principais estudiosos do cinema brasileiro de terror. Venha conosco para, juntos, compartilharmos estes pesadelos.

Marcelo Miranda
Curador e coordenador



8 **O filme de horror brasileiro:
anatomia de uma transformação**

por Carlos Prinati

18 **Dois espécimes de medo**

por Rodrigo Carreiro

28 **Visões terríveis do Brasil**

por Laura Loguercio Cánepa

36 **filmes**

76 **palestras/debate**

77 **currículos autores/debatedores**

O filme de horror brasileiro: anatomia de uma transformação

por Carlos Primati

“Fazer cinema no Brasil é a mesma coisa que fazer um foguete aqui e mandar à Lua. (...) Tem que inventar o que já está inventado.”
José Mojica Marins, *Ritual dos sádicos* (1970)

Quando Zé do Caixão apareceu pela primeira vez numa tela de cinema, exatos cinquenta anos atrás, olhando fixamente para a câmera e filosofando sobre a vida e a morte, ele fez algo além de introduzir seu personagem de maneira enfática e emblemática. O olhar maníaco, vidrado, obcecado, exerceu um efeito quase hipnótico na plateia, convencendo a todos de que, a partir daquele fenômeno, passaria a existir no Brasil o gênero do *horror* como visto nas produções estrangeiras. Promovido como “o primeiro filme brasileiro de terror”, *À meia-noite levarei sua alma* obteve um êxito estrondoso nas bilheterias e junto disso trouxe a promessa do abasileiramento de um gênero que até então só infiltrara-se nos filmes nacionais de maneira vaga, difusa, hesitante. Ainda que o estilo de José Mojica Marins – diretor, roteirista e protagonista do filme – tenha idiossincrasias que o tornem singular o bastante para fascinar e

assombrar mesmo meio século depois, ele claramente inspira-se nos cânones do horror, especialmente nos monstros do estúdio Universal: o anúncio de jornal de *À meia-noite levarei sua alma* o define como “mais espantoso que Drácula, espetacular como Frankstein [sic], misterioso como o vampiro”.

O pressuposto de gênero cinematográfico consiste na produção continuada de filmes com características semelhantes e que repitam elementos, fórmulas e particularidades do enredo. Mojica, que anteriormente fizera faroeste e melodrama, prosseguiu no horror e adotou o gênero como seu, lavrando obras impactantes como *Esta noite encarnarei no teu cadáver* (1967) e *O estranho mundo de Zé do Caixão* (1968), e durante décadas seria considerado o único e solitário cineasta brasileiro dedicado ao gênero, o parâmetro pelo qual até hoje a crítica insiste em comparar qualquer obra nacional que se arrisque no horror, por mais que tal conexão não faça sentido.

Porém, ao contrário do que se poderia esperar, não se construiu uma tradição a partir do fenômeno Zé do Caixão; nenhum outro cineasta entregou-se de corpo e alma ao horror para dar continuidade às suas façanhas. Portanto, o gênero do horror canônico, como críticos e pesquisadores acostumaram-se a identificar na produção estrangeira, praticamente inexistente no Brasil além de Mojica. E o paradoxo da situação reside justamente nesta questão: a existência de Zé do Caixão convence-nos da viabilidade de enxergarmos um cinema de horror nacional, porém, a realidade dos fatos ensina que para desvendarmos o *autêntico* filme de horror brasileiro, primeiro é necessário entendermos a própria trajetória do nosso cinema e como ele sempre assimilou elementos estrangeiros e transformou-os em algo to-

talmente diferente, genuinamente *brasileiro*. E, depois disso, voltarmos o olhar para o inusitado.

COMEÇA NA CHANCHADA E TERMINA NO PORNÔ

Durante décadas, cinema brasileiro, no imaginário popular, dividiu-se entre drama, comédia e documentário. A programação dos cinemas nos jornais, os guias de filmes e até mesmo livros sobre cinema brasileiro essencialmente reforçavam essa noção simplória, ao ponto de as videolocadoras terem uma seção reservada para os “nacionais”, como se isso fosse um gênero de filme e não apenas a sua procedência. Pensar o cinema brasileiro como algo à parte do resto da cultura mundial não é um conceito totalmente equivocada (podemos, sim, dizer que existe o filme *tipicamente brasileiro*), mas ignorar como foram filtrados e processados os elementos do cinema estrangeiro para originar algo totalmente nosso equivale a cerrar as possibilidades de vermos e mostrarmos o cinema (de gênero) à nossa maneira.

O cinema brasileiro, desde os primórdios do período sonoro, notabilizou-se por parodiar gêneros hollywoodianos. O mais antigo filme nacional a flertar com noções de horror é a comédia musical *O jovem tataravô* (Luiz de Barros, 1936), a qual inclui em sua trama uma receita para ressuscitar espíritos retirada do túmulo do faraó Ramsés II – ou, mais provavelmente, inspirada em clássicos do horror como *A múmia* (*The mummy*, Karl Freund, 1932) ou *Dragore* (*The ghoul*, T. Hayes Hunter, 1933), ambos estrelados por Boris Karloff, com seus enredos de cadáveres egípcios voltando à vida por meio de encantos ou maldições.

O período áureo das chanchadas da Atlântida serve de exemplo de como os gêneros então considerados tipicamente hollywoodianos eram transformados em comédias debochadas, passando pelo horror e mistério (*Três vagabundos*), faroeste (*Matar ou correr*), épico bíblico (*Nem Sansão nem Dalila*) e ficção científica e espionagem (*O homem do Sputnik*), todas estreladas por Oscarito entre 1952 e 1959. O recado dado era uma espécie de declaração de incredulidade na capacidade do nosso cinema de fazer esses gêneros a vero, seja por falta de conhecimento do assunto ou de recursos técnicos, e então partir para a gozação. Criou-se uma tradição a partir disso, que perduraria por décadas, com o tema do horror inspirando até mesmo comédias de Mazzaropi (*Jeca contra o capeta*, 1975), Costinha (*Costinha e o King Mong*, 1977) e Os Trapalhões (*Os fantasmas Trapalhões*, 1987). A paródia, o esculacho, o avacalho emergia como um gênero tipicamente brasileiro.

À parte as comédias e sátiras, as primeiras contribuições relevantes ao horror nacional pós-Zé do Caixão viriam do cinema marginal do Rio de Janeiro, mais especificamente do *udigrudi* (como era chamado desdenhosamente por Glauber Rocha), movimento sarcástico e de ruptura defendido por Rogério Sganzerla, Julio Bressane, Elyseu Visconti Cavalleiro e, mais tarde, Ivan Cardoso. Admiradores assumidos do cinema de Mojica e adeptos de narrativas experimentais livres e provocativas, eles desconstruíram as regras do gênero para gerar a reflexão do que é, afinal, o horror. Realizados em meados de 1970, alguns desses filmes – *Sem essa*, *Aranha*, de Sganzerla, *Os monstros de Babaloo*, de Cavalleiro, *Barão Olavo*, *o Horrível*, de Bressane – integrariam a mostra paralela O Horror Nacional, realizada du-

rante o Festival de Cinema de Brasília, em 1978, tornando política a discussão sobre o real significado do *horror* no cinema brasileiro e propondo uma postura renovada, menos convencional.

Porém, o processo de abasileiramento do filme de horror completa-se somente quando ele é combinado com duas manifestações fundamentais da nossa cultura: o erotismo latente e o sincretismo religioso. Em outras palavras, mulher pelada e macumba formam o cerne do que podemos considerar o horror brasileiro a partir da década de 1970. Rotulados preconceituosamente e de maneira genérica como *pornochanchada*, e comumente descartados e desqualificados pela crítica antes mesmo de serem vistos, muitos dos filmes realizados na Boca do Lixo paulistana estão entre as investidas mais instigantes e ousadas em gêneros populares como policial, suspense e horror. Muitos deles faturaram alto nas bilheterias.

Vista em retrospectiva, uma quantidade significativa de filmes deste período revela um cenário efervescente e destemido, ganhando condição de culto nos últimos anos, disputado por cinéfilos e com presença constante em mostras temáticas e na programação da TV por assinatura. Entretanto, foram francamente ignorados pela crítica e não exerceram qualquer influência nas gerações seguintes de realizadores. Nomes como Fauzi Mansur, Cláudio Cunha, Jean Garrett, Ody Fraga, John Doo, Luiz Castellini, Antônio Meliande, entre outros, foram descartados pela mídia e nunca mereceram atenção dos historiadores; um cinema praticamente desconhecido. Hoje alguns deles são reputados como realizadores competentes e habilidosos na absorção e replicação das regras dos gêneros populares – e apela-

vos – como fardoeste, policial, ação, horror e suas variações, passando pelos filmes de kung fu, presídio feminino e freiras satânicas. O cinema da Boca do Lixo era barra pesada: filmes como *Excitação* (Jean Garrett, 1977), *Aqui, tarados* (David Cardoso, 1980), *Pornô!* (David Cardoso, 1981), *A reencarnação do sexo* (Luiz Castellini, 1982), *O castelo das taras* (Julius Belvedere, 1982) e *Excitação diabólica* (John Doo, 1982) apelam ao conteúdo sexual em seus títulos, mas estão entre os filmes de horror mais radicais já feitos no Brasil. Pouco se escreveu sobre esse cinema na época e toda a reputação foi construída trinta anos depois, quando novas gerações de cinéfilos e pesquisadores redescobriram este cinema até então quase invisível. Hoje podemos observar que a receita de sexo, violência e horror aproximava esses filmes das produções europeias no ramo do *exploitation*, especialmente o que se fazia na Itália, França, Alemanha e Espanha nos anos 1970.

Uma proposta mais solar de horror surgiu pelas mãos do carioca Ivan Cardoso, que inventou o *terrir*, ou seja, terror com humor, uma mescla de chanchada tropicalista temperada com erotismo e monstros clássicos. Ivan destilou a receita comercial perfeita, combinando astros globais e veteranos das chanchadas (Evandro Mesquita, Regina Casé, Nicole Puzzi, Nuno Leal Maia, Andréa Beltrão e Herson Capri de um lado; Colé Santana, Zezé Macedo, Ankito, Wilson Grey e José Lewgoy do outro), mulheres sensuais (Clarice Piovesan, Lucélia Santos, Danielle Winits, Karina Bacchi), música jovem (Léo Jaime, Miquinho Amestrados, Capital Inicial), muito deboche e monstros tradicionais, nos filmes *O segredo da múmia* (1982), *As sete vampiras* (1986), *O escorpião escarlate* (1990) e *Um lobisomem na Amazônia* (2005).

O erotismo nos filmes de Ivan é quase pueril se comparado à doentia e perversa combinação de sexo e horror do cinema paulistano (em que estupro, necrofilia e canibalismo eram comuns). Na prática, é a reinvenção do horror adolescente do americano Herman Cohen (*I was a teenage Werewolf, I was a teenage Frankenstein*), acrescido de um erotismo controlado e um tom de farsa assumido (“Onde se vê dia, veja-se noite”, frase simbólica de seu curta *Nosferato* no Brasil, 1971), resume bem a proposta de terrir de Ivan Cardoso.

REINVENTANDO TUDO

Depois de enfrentar um período de inatividade entre 1990 e 1995, devido à interrupção forçada pela extinção da Embrafilme, Concine e outros órgãos regulamentadores do mercado cinematográfico doméstico, por decisão do então Presidente da República, Fernando Collor de Mello, a produção cinematográfica no país enfim retorna. Encontra um cenário completamente diferente: a Boca do Lixo, cujo sistema de produção era relativamente autossuficiente, havia sido devorada pelo sexo explícito; cineastas veteranos haviam se aposentado ou migrado para outras mídias, a cena independente/marginal não mais existia. Nem mesmo Xuxa e Os Trapalhões – com seus milhões de espectadores garantidos – fizeram filmes nesse período tenebroso.

A Retomada chegou com uma proposta de cinema mais profissional, mais afinado com o cinemão de Hollywood, principalmente na forma, mas também no conteúdo. A nova geração de cineastas pouco (ou nada) trazia do cinema brasileiro de antes: a necessidade de deixar a marca de um novo cinema passava por reinventar tudo. Inclusive os filmes de horror.

A Conspiração Filmes, produtora vinda do mercado publicitário, é responsável pelos primeiros longas da Retomada a flertar com o suspense policial e o horror, com *Traição* (Arthur Fontes, 1999) e *Gêmeas* (Andrucha Waddington, 2000), ambos adaptando contos de Nelson Rodrigues e com estética e estilo narrativo que remetem ao cinema comercial estadunidense. Há mais de Tarantino ou De Palma nestes filmes do que de Mojica ou Khouri: a geração que teve parte de sua educação filmica propiciada pelo *home video* era também a primeira a assumir sem culpa a influência dos gêneros hollywoodianos.

Esse deslumbramento criou a possibilidade de começar-se a produzir no Brasil filmes de suspense e horror de maneira sistemática e continuada; por outro lado, revela a falta de repertório ou de conhecimento de alguns cineastas. David Schurmann, diretor, produtor e roteirista de *Desaparecidos* (2011), exaltou o pioneirismo de seu filme – calcado na fórmula barata *found footage* de *A bruxa de Blair* (*The Blair witch project*, Daniel Myrick e Eduardo Sánchez, 1999) – e no fato de ser o primeiro filme “transmídia” do cinema brasileiro. Não é verdade: *Encarnação do Demônio* (2008), a volta às telas de Zé do Caixão, teve a companhia de histórias em quadrinhos, *making of* e um blog sobre os bastidores da produção. Tomás Portella, que dirigiu *Isolados* (2014), não apenas autoproclamou-se pioneiro no gênero suspense como previu que “virá muita gente depois”. A imprensa repetiu seu discurso de ineditismo, ignorando um sem-número de filmes de suspense feitos no Brasil há décadas. Até mesmo Kleber Mendonça Filho, diretor do elogiadíssimo *O som ao redor* (2012), falando sobre horror nacional, declarou numa

entrevista em março de 2013 que “é assustador que o último projeto do gênero tenha sido o do Mojica em 2008”. Com isso, KMF ignorou filmes como *Mistérios* (Beto Carminatti e Pedro Merege, 2008), *O fim da picada* (Christhian Saghaard, 2009), *Bellini e o demônio* (Marcelo Galvão, 2010), *O guri* (Zeca Brito, 2011), *Trabalhar cansa* (Juliana Rojas e Marco Dutra, 2011) e o próprio *Desaparecidos* (2011). A questão não é cobrar um conhecimento cinéfilo por parte dos realizadores, mas sim problematizar a falta de uma visão mais pluralizada do que é o horror e passar a aceitar essas possibilidades.

O empecilho talvez resida nesta teimosia de, ao pensar em cinema de horror nacional, nossos olhos buscarem algo nos moldes de Zé do Caixão. Isso sempre impossibilitará enxergar o fascinante e sempre mutável *filme de horror brasileiro*; não nos fará ver obras como *FilmeFobia* (Kiko Gólfman, 2008), *A erva do rato* (Julio Bressane, 2009), *Os inquilinos* (Sergio Bianchi, 2010), *Os famosos e os duendes da morte* (Esmir Filho, 2010), *Reflexões de um liquidificador* (André Klotzel, 2010), *Trabalhar cansa* (2011) ou mesmo *Quando eu era vivo* (Marco Dutra, 2014) e *Gata velha ainda mia* (Rafael Primot, 2014), com seus rituais satânicos e velhas loucas, como possibilidades de um horror mais diversificado e sublime.

HORROR DE DENTRO PARA FORA

A atual safra de horror nacional vem reforçada com os jovens realizadores independentes, que não apenas exibem talento e capacidade para fazer filmes com acabamento profissional, como ainda esbanjam amplo repertório no gênero. O capixaba Rodrigo Aragão (*Mangue negro*, *A noite do chupacabras*,

Mar Negro), o paranaense Paulo Biscaia Filho (*Morgue story*, *Nevermore*, *Nervo craniano zero*) e o gaúcho Davi de Oliveira Pinheiro (*Porto dos mortos*) abriram caminho por vias alternativas e conquistaram sucesso internacional onde somente Coffin Joe (como Zé do Caixão é conhecido fora do Brasil) havia estado antes. A produção nacional no gênero, que antes ficava restrita às fronteiras regionais (alguns filmes sequer saíam de seus estados de origem), começa a conquistar a América Latina, Europa e Japão.

O cinema de horror brasileiro, mesmo quando *tem que inventar o que já está inventado*, desafia qualquer definição de almanaque ou guia. Numa cultura marcada pelo realismo fantástico, o horror vai além, muito além: está no cordel, no folclore, no candomblé, nos fantasmas da ditadura, no medo da violência, fome e desemprego. Isso está indo para as telas. E se Zé do Caixão é o pai legítimo do filme de horror brasileiro, podemos dizer que os seis ventres que ele deixa impregnados com sua semente ao final de *Encarnação do demônio* equivalem às diferentes tendências que o gênero pode trilhar em nossas telas. E isso já está acontecendo, ainda engatinhando, mas começando a andar com as próprias pernas.

Duas espécimes de medo

por Rodrigo Carreiro

Ninguém gosta de sentir medo. Evitamos esse afeto terrível tanto quanto possível, todos nós. Quando nos deparamos com uma situação potencialmente amedrontadora, nos esforçamos para nos afastar dela tão rápido quanto possível. Se nos deslocarmos do território da vida para os domínios da arte, contudo, desta certeza infalível nasce um paradoxo exótico, sobre o qual dezenas de estudiosos, artistas, pesquisadores e intelectuais vêm debruçando-se há anos, sem conseguir explicá-lo satisfatoriamente: se sentir medo é uma experiência afetiva tão desagradável, por que milhares de nós pagamos para ver filmes que nos levam a experimentar o estado de tensão, o suor frio, a pulsação acelerada e todas as outras reações físicas e cognitivas que surgem como consequência metabólica do sentimento do medo?

O filósofo norte-americano Noël Carroll (1999) chamou esse comportamento contraditório de “paradoxo do coração”, e utilizou a expressão – adaptada de um grupo de romancistas góticos que, nos EUA do século XIX, já discutia o tema – no título do livro em que o investiga. O livro de Carroll constitui um dos mais conhecidos e importantes estudos sobre a estranha popularidade do sentimento do medo no cinema. A conclusão de Carroll é longa e complexa demais (e talvez insatisfatória, afinal) para caber neste texto, mas os dados que ele apresenta são incontornáveis: ao longo da história do cinema, o horror e demais gêneros fílmicos que lidam com

o medo têm gerado muitos dos mais populares e/ou importantes filmes já produzidos, de *O gabinete do dr. Caligari* (*Das cabinet des dr. Caligari*, Robert Wiene, 1916) a *O iluminado* (*The shining*, Stanley Kubrick, 1980) e além. De algum modo, sentir medo no cinema dá prazer a uma enorme quantidade de gente. É por isso que muitos gêneros importantes, como o suspense, o thriller de mistério e, evidentemente, o horror, trazem como pré-requisito inescapável a experiência afetiva desse sentimento.

O cinema brasileiro, porém, parece viver historicamente um segundo paradoxo. Diz o senso comum, afinal, que não existe cinema de horror (ou de mistério, ou de suspense) no Brasil. Essa suposta “verdade”, que pode ter surgido ou sido disseminada a partir de uma leitura equivocada da historiografia clássica do cinema nacional (BERNARDET, 1995), tem sido há alguns anos contestada por historiadores, jornalistas e pesquisadores. Lúcio dos Reis Piedade (2002), Laura Loguercio Cánepa (2008) e Carlos Primati (2004, 2007) são alguns dos especialistas mais renomados que se dedicaram a revisar essa parte obscura da história do cinema brasileiro. De forma sólida e consistente, a partir de estudos minuciosamente documentados e centenas de horas examinando jornais, revistas e filmes em cinematecas e coleções particulares, esses (e outros) pesquisadores foram, pouco a pouco, demonstrando que os gêneros fílmicos ligados ao medo têm, sim, uma longa e fértil – embora marginal e obscura – história no Brasil.

Essa tradição remete, no mínimo, à década de 1930 – ou, mais precisamente, ao ano de 1937, quando foi lançada a comédia musical *O jovem*

tataravô. O filme, dirigido por Lulu de Barros, constitui o primeiro longa-metragem brasileiro a conter elementos fantásticos relacionados ao horror cinematográfico (CÁNEPA, 2008: 321). Desde então, o cinema tupiniquim tem produzido tradicionalmente uma quantidade bastante significativa de filmes de mistério, terror, suspense e, claro, horror. Por razões principalmente culturais, mas também econômicas e até tecnológicas, os gêneros ligados ao afeto do medo têm historicamente sofrido operações de adaptação e mutação no Brasil, onde elementos góticos muitas vezes soam estrangeiros demais. Daí o muito frequente hibridismo cinematográfico que Cánepa, Reis e Primati, entre outros, identificam nos exemplares nacionais desses gêneros. Aqui, padrões narrativos e estilísticos ligados ao cinema do medo são muitas vezes misturados a outros gêneros fílmicos, em particular, a comédia e o musical.

Este rápido panorama histórico é necessário para apresentar e contextualizar a hipótese que pretendo desenvolver neste texto. Partindo do pressuposto de que o medo e a tensão têm sido afetos cultivados por muitos cineastas brasileiros das últimas duas décadas (falo do período que se convencionou chamar de Retomada, a partir do ano de 1994), gostaria de sugerir que esta característica recorrente possui raízes históricas e, portanto, não chega a constituir um padrão completamente inédito na produção cinematográfica contemporânea no Brasil.

Isso posto, é fundamental enfatizar que parece existir atualmente em operação, dentro da indústria cinematográfica nacional, novos modelos de apropriação e leitura de elementos textuais oriundos de gêneros

fílmicos que dependem fortemente de convenções de estilo (tais como os já citados horror, suspense e mistério). Em outras palavras: o medo, a angústia e a tensão, que geralmente observamos de forma mais concentrada nos exemplares dos gêneros citados, têm encontrado novos espaços e recebido gradações de ênfase mais matizadas e variadas tanto na produção mais marginal quanto nos títulos mais comerciais produzidos no nosso país.

De modo geral, é possível afirmar que o pertencimento de determinados títulos a gêneros fílmicos que operam tradicionalmente com a mobilização afetiva dos espectadores não constitui mais um pré-requisito importante para trabalhar-se cinematograficamente sentimentos como medo e suspense. Evidentemente, ao contrário do que reza o senso comum, existe cinema de horror no Brasil, e os filmes vinculados a essa modalidade lidam com esses afetos de modo bastante coerente com a produção internacional dos mesmos gêneros. A grande novidade verificada nos últimos 20 anos, contudo, é a existência de uma produção consistente e respeitável de filmes que trabalham com variações menos comuns de medos e fobias. Essa produção, frequentemente mais autoral, procura evitar algumas convenções tradicionais do cinema de horror e dos filmes de mistério, mas – de modo talvez ambíguo e muitas vezes bastante complexo – emprega outras convenções para discutir e refletir sobre medos e tensões sociais, históricas e até mesmo ideológicas.

Assim, grosso modo, podemos dizer que o Brasil possui hoje duas vertentes mais amplas de produção cinematográfica ligada ao medo. A primeira, mais marginal e homogênea, consiste de uma produção que

tem sido construída por realizadores diretamente vinculados ao cinema de horror mais tradicional. Sem dúvida, o líder (informal) deste grupo é José Mojica Marins, cuja obra vasta reúne mais de duas dúzias de filmes lançados ao longo de cinco décadas. Outros nomes prolíficos são o catarinense Petter Baierstorf (que tem filmado e comercializado um longo catálogo de curtas, médias e longas cheios de sangue e vísceras), o capixaba Rodrigo Aragão (autor de três longas-metragens bem *gore* e exagerados, estrelados por zumbis e outros monstros) e o curitibano Paulo Biscaia Filho (diretor de dois longas-metragens muito conhecidos pela comunidade de fãs de cinema de horror).

Além de serem autores de filmes que circulam internacionalmente em festivais e feiras de cinema especializado em horror, esses diretores compartilham outras características entre si: realizam produções sem qualquer tipo de verba oriunda de leis de incentivo e nutrem certa desobediência por regras narrativas mais convencionais, utilizando generosamente imagens violentas de forte conteúdo gráfico. Os três cineastas, ao lado de outros autores menos conhecidos, mas igualmente ligados ao cinema mais extremo (tais como Felipe M. Guerra, Dennison Ramalho – atualmente morando e trabalhando nos Estados Unidos – e Joel Caetano), são pouco familiares ao público que frequenta salas comerciais, por um motivo prosaico: seus filmes normalmente não são exibidos nos cinemas de shopping center. O cinema marginal e extremo que eles praticam finca pé numa estética do excesso, do exagero, do mau gosto, bem próxima do fenômeno cultural que Jeffrey Sconce chama de paracinema:

Paracinema é menos um grupo distinto de filmes do que um protocolo específico de leitura, uma contra-estética de sensibilidade subcultural dedicada a todos os tipos de detritos culturais. Em suma, o manifesto explícito de uma cultura paracinéfila deseja valorizar todas as formas de lixo cinematográfico – filmes que têm sido expressamente rejeitados, ou simplesmente ignorados, pela cultura cinematográfica legítima (SCONCE, 1995: 372).

O termo permite realizar uma leitura política alternativa (e menos óbvia) da estética trash, que marca forte presença em filmes de narrativa afeita a imagens de choque e violência gráfica. O formato de produção de guerrilha, em que filmes são bancados pelos fãs ou pelos próprios realizadores, sem interesse em retorno financeiro, constitui um forte indicativo, como observa Sconce, de uma atitude política, uma tática de confronto social através de uma estética do excesso. Para o autor estadunidense, a comunidade paracinéfila cultiva uma estética excêntrica e violenta como estratégia calculada de desvio das normas cultas e convencionais de gosto e valor estético. Sconce cita o trabalho de Pierre Bourdieu (2001) para reivindicar o lado político do fenômeno:

Como facção alienada de um grupo social com elevado capital cultural, o público paracinéfilo gera uma distinção dentro do seu próprio espaço social por comemorar objetos culturais considerados nocivos e incultos pela cultura como um todo. O paracinema, assim, apresenta um

desafio direto aos valores da cultura cinematográfica e afronta o gosto estético supostamente refinado. É uma estratégia calculada de choque e confronto contra as supostas elites culturais, não muito diferente do famigerado mictório de Duchamp em uma galeria de arte (SCONCE, 1995: 376).

No sentido proposto por Sconce, portanto, a estética *gore*, que pode parecer falsa, excêntrica e/ou excessiva para muita gente, e é um padrão recorrente nessa vertente mais marginal (uma marginalidade muitas vezes assumida com orgulho) do cinema do medo no Brasil, tem uma dimensão política pronunciada, uma dimensão de confronto tácito entre uma subcultura que fez parte da elite cultural, mas tenta subvertê-la de dentro, e grupos mais institucionalizados da prática cultural estabelecida.

A segunda vertente de filmes tupiniquins que lida com o medo procura, bem ao contrário da facção paracinéfila, afastar-se dessa estética mais extrema e desafiar a classificação mais conhecida de filmes em gêneros. Algumas das obras mais representativas desta tendência são *O som ao redor* (Kleber Mendonça Filho, 2012), *Trabalhar cansa* (Marco Dutra e Juliana Rojas, 2011), *O inquieto* (Sergio Bianchi, 2009), *Contra todos* (Roberto Moreira, 2008), *Nina* (Heitor Dhália, 2004), *Gêmeas* (Andrucha Waddington, 2000) e *O invasor* (Beto Brandt, 1999). Embora muito diferentes entre si, todos esses filmes buscam trabalhar um tipo diferente de medo, mais coletivo do que individual, mais social do que sobrenatural, mais político e/ou ideológico do que puramente afetivo e sensorial, como observa Laura Cánepa:

O fato é que diante desses filmes, e ainda que haja neles poucas cenas explicitamente violentas, o espectador se identifica com a percepção dos personagens de que a qualquer momento algo terrível pode acontecer – e esse compartilhamento da tensão diante da ameaça violenta é uma das características que mais interessam àqueles que se deleitam com histórias de terror. Mas “algo terrível” pode acontecer nesses filmes não por estarmos diante de forças sobrenaturais ou de personagens simplesmente insanos – como é típico em filmes do gênero –, e sim em função de mazelas atávicas e nunca resolvidas da sociedade brasileira. (CÁNEPA, 2013).

A pesquisadora refere-se especificamente a apenas três dos filmes citados (*O som ao redor*, *Trabalhar cansa* e *O inquieto*), mas o raciocínio pode ser ampliado a um recorte muito maior e mais amplo de obras que utilizam o medo e o mistério como ferramentas para examinar tensões de classe que racham a sociedade brasileira há muito tempo. São, nesse sentido, filmes profundamente políticos. Essa leitura política, aliás, ainda que por uma chave muito diferente, aproxima os filmes desta vertente do paracinema marginal realizado pelo primeiro grupo de diretores: as obras dos dois grupos, afinal de contas, trabalham com a crítica social, seja de uma perspectiva narrativa, seja do ponto de vista da produção. Tudo isso nos permite chegar à conclusão de que o cinema do medo no Brasil contemporâneo parece ser, acima das diferenças evidentes que existem entre realizadores e produtos, um cinema eminentemente político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDET, Jean Claude. *Historiografia clássica do cinema brasileiro: metodologia e pedagogia*. São Paulo: Annablume, 1995.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2001.

CÁNEPA, Laura Loguercio. *Medo de quê? Uma história do horror no cinema brasileiro*. Tese de doutorado em Multimeios. Campinas: Unicamp, 2008.

_____. Terror incidental?. In: *Revista Interlúdio*. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.revistainterludio.com.br/?p=5160>. Acesso em: 8 de setembro de 2014.

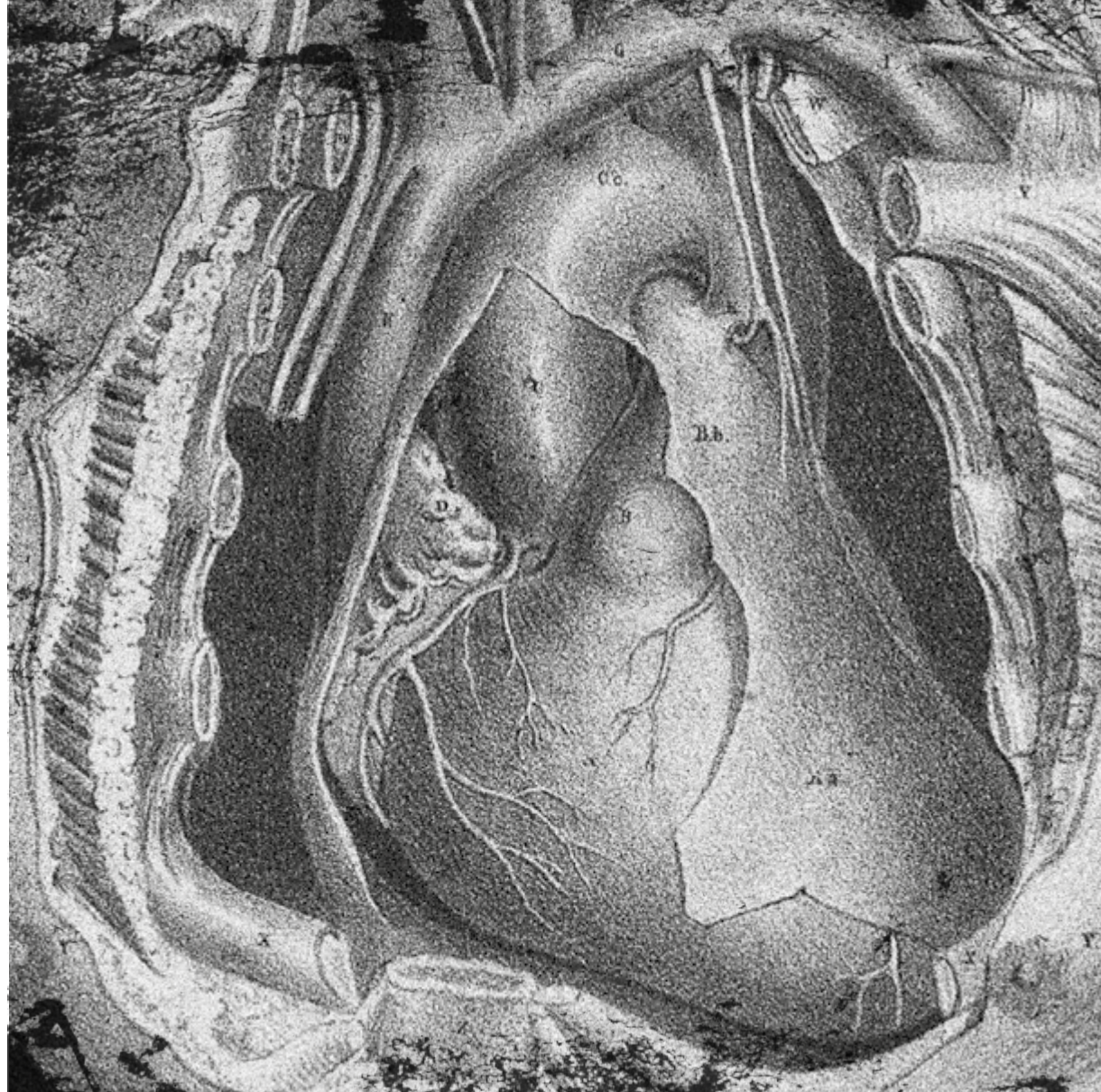
CARROLL, Noël. *A filosofia do horror ou paradoxos do coração*. Campinas: Editora Papirus, 1999.

PIEIDADE, Lúcio F. Reis. *A cultura do lixo: horror, sexo e exploração no cinema*. Dissertação de mestrado em Multimeios. Campinas: Unicamp, 2002.

PRIMATI, Carlos. *Bruxaria, pajelança e canibalismo: o horror marginal renasce pelas lentes de Luciano Maciel*. In: *Revista Cine Monstro*. São Paulo, n. 4, janeiro de 2004, pp. 42-43.

_____. *O horror universal de Zé do Caixão*. In: Dossiê José Mojica Marins. Portal Heco. Disponível em: http://www.portalbrasileirodecinema.com.br/mojica/ensaios/04_01.php. Acesso em: 08 de setembro de 2014.

SCONCE, Jeffrey. 'Trashing' the academy: taste, excess and an emerging politics of cinematic style. In: *Revista Screen*, Oxford, v. 4, n. 36, 1995, pp. 371-393.



Visões terríveis do Brasil

por Laura Loguercio Cánepa

Os filmes de horror brasileiros têm conquistado, pelo menos desde 2008 – ano do lançamento de *Encarnação do demônio*, de José Mojica Marins –, aceitação crescente, tanto da crítica quanto dos editais públicos e espaços de exibição. Essa fase ascendente veio mudar um cenário que, até o começo dos anos 2000, não era dos mais alentadores.

O fato é que, apesar da popularidade do gênero entre os espectadores brasileiros, o horror nacional vinha desaparecendo de nossas telonas desde os anos 1980, quando sobreviveu graças ao sucesso das comédias cariocas de Ivan Cardoso (como *As sete vampiras*, de 1986), situação que se complicaria após a derrocada geral da produção na década seguinte. Nos últimos anos, no entanto, novas possibilidades foram se apresentando aos realizadores e ao público interessados pelo gênero.

A retomada do horror apontou, porém, para um rumo diferente da tradição de origem popular surgida em 1964, em São Paulo, com a estreia de *À meia-noite levarei sua alma*. O filme de Mojica serviria como inspiração para produções de horror vinculadas ao *sexploitation* da Boca do Lixo, em São Paulo, e do Beco da Fome, no Rio de Janeiro, nos anos 1970 e começo dos 1980, num ciclo que deu destaque a cineastas como John Doo (*Excitação diabólica*, SP, 1982). Mas os realizadores da geração atual construíram seus repertórios em outro ambiente, a partir do universo caótico das locadoras

de VHS e guias de filmes, dos longas exibidos na TV aberta e dos sucessos internacionais de horror adolescente dos anos 1980. Eles conservaram Mojica como referência, mas se espelharam também em nomes como Sam Raimi, John Carpenter, Lucio Fulci, David Lynch, George Romero, Lloyd Kaufman, entre outros, abordando o gênero de forma mais diversificada do que se fizera no país até então.

A produção desses cineastas brasileiros – alguns deles envolvidos com os retornos de Mojica à direção em 2008 e 2014 – pode ser vista em curtas-metragens independentes (como *A menina do algodão*, de Kleber Mendonça Filho e Daniel Bandeira, PE, 2003; *Sintomas*, de Fernando Mantelli, RS, 2004; *Gato*, de Joel Caetano, SP, 2009; *Lavagem*, de Bruno Sales, PB, 2011), em filmes universitários (como *Lençol branco*, de Marco Dutra e Juliana Rojas, USP, 2003; *O Membro decaído*, de Lucas Sá, UFPel, 2012), em curtas feitos com recursos de editais públicos de fomento (como *Paulo e Ana Luíza em Porto Alegre*, de Rogério Ferrari, RS, 1998; *Amor só de mãe*, Dennison Ramalho, SP, 2003) e em filmes de guerrilha que surgiram ainda nos tempos do VHS (como *O monstro legume do espaço*, de Petter Baiestorff, SC, 1995; *Entrei em pânico ao saber o que vocês fizeram na sexta-feira 13 do verão passado*, de Felipe Guerra, RS, 2011) e cujos diretores hoje beneficiam-se das facilidades da tecnologia digital.

As novas produções em digital possibilitaram a inserção dos longas independentes em festivais e mesmo na TV a cabo, como se verifica na circulação dos filmes do capixaba Rodrigo Aragão (*Mangue negro*, 2009; *A noite do chupacabras*, 2011; *Mar negro*, 2013) e do paranaense Paulo Biscaia Filho (*Morgue story*, 2009; *Nervo craniano zero*, 2011), entre outros. Essa agi-

tação em torno dos filmes de horror chegou mesmo a encorajar o cinema comercial, como se percebe em lançamentos de 2014 que tiveram à frente diretores estreantes: *Quando eu era vivo*, primeira direção-solo de Marco Dutra em longa-metragem, estrelado por Antonio Fagundes; *Gata velha ainda mia*, primeiro longa de Rafael Primot, estrelado por Regina Duarte; *Isolados*, de Tomas Portela, estrelado por Bruno Gagliasso.

Essa mesma geração, reunida pelos fanzines nos anos 1990 e, depois, pela Internet em listas de discussão, sites, blogs e redes sociais, gestou também uma cultura de debate que originou publicações (como os sites *Carcasse – comunidade virtual de arte obscura*, nascido em 2000, e o *Boca do inferno*, criado em 2001; a revista impressa *Cine monstro*, publicada em 2003/2004); festivais de cinema (como o Cinefantasy, em São Paulo; o Fantaspoa, em Porto Alegre; o Rio Fan, no Rio de Janeiro) e mostras de filmes (como a Sessão Dark Side na Mostra Internacional de Curtas de São Paulo desde 2003; a mostra O Horror no Cinema Brasileiro, em 2009, no RJ e em Brasília, entre muitas outras).

Mas, se a forte presença do gênero na cultura audiovisual originou essa vertente a que podemos chamar de “militante” do horror cinematográfico brasileiro, esse não foi seu único efeito. Possivelmente em função da popularidade do horror entre as gerações nascidas a partir dos anos 1970, pode-se encontrar amplas discussões sobre o gênero entre críticos e cinéfilos brasileiros de diferentes preferências e matizes (em revistas eletrônicas como *Contracampo*, *Cinequanon*, *Interlúdio* e *Cinética*), ao mesmo tempo em que se pode perceber, em anos recentes, o surgimento de filmes que flertam

com o gênero de forma menos programática – e que, talvez por isso, vêm despertando atenção crescente da crítica e do público.

É que o horror artístico, por lidar com a expressão de um sentimento disseminado na experiência humana – o da ansiedade e especulação em torno da possibilidade ou iminência da morte e destruição do corpo – apresenta-se com amplas variações, não precisando seguir estruturas ou modelos estáveis. Isso se observa, por exemplo, numa grande variedade de obras literárias de horror de autores como E.T.A Hoffman, Edgar Allan Poe, Richard Matheson, Anne Rice e Neil Gaiman, derivadas de uma tradição camaleônica que pode emergir para desaparecer em seguida, mantendo-se apenas no horizonte, à espreita, pulsando em atmosferas perturbadoras.

Essa percepção mais difusa do gênero horror pode contribuir para o debate sobre alguns filmes brasileiros lançados na segunda década dos anos 2000, nos quais ansiedades geracionais e questões nacionais ganharam uma abordagem híbrida com o universo do horror. Longas como *O fim da picada* (Christian Sagaard, 2009), *Os famosos e os duendes da morte* (Esmir Filho, 2009), *Os inquilinos* (Sergio Bianchi, 2009), *Trabalhar cansa* (Juliana Rojas e Marco Dutra, 2011) e *O som ao redor* (Kleber Mendonça Filho, 2012), além de curtas como *Pra eu dormir tranquilo* (Juliana Rojas, 2011), entre outros, podem remeter-nos a experiências limítrofes com o gênero, como já têm mostrado estudos críticos recentes (como FURTADO, 2013; COSTA, 2013; GIGLIOTI, 2013). Tais experiências incluem o uso de recursos de estilo típicos do filme de horror (ruídos agudos com o objetivo de provocar sustos, personagens filmadas como aparições fantasmagóricas, cenários labirínticos, imagens

de corpos violentados) ou mesmo fragmentos narrativos (investigações sobre assassinatos bárbaros, paranoias de perseguição, despertar de cadáveres, descoberta de monstros) sem que o gênero resolva-se por completo.

O repertório “horrífico” desses filmes varia desde o suspense psicológico até o *gore*, passando pela herança anárquica do cinema marginal, mas eles podem ter algo mais em comum. Considerando-se a inserção deles no debate sobre as profundas mudanças pelas quais o país vem passando nos últimos 20 anos – redução da miséria através de programas de renda mínima, universalização da educação básica, ascensão do subproletariado à classe trabalhadora (SINGER, 2012) – talvez se possa sugerir que repetem algo observado na ficção literária chamada de *gótica* no final do século XVIII, no continente europeu.

Esse estilo literário, que, como observa Daniel Serravalle Sá (2012), nunca constituiu-se propriamente como um gênero, floresceu em plena decadência do Antigo Regime, no período em que as revoluções burguesas começaram a demolir o que restava das tradições aristocráticas e feudais até então tidas como eternas. Não por acaso, o gótico também foi um híbrido entre o horror e outros gêneros nascentes como o melodrama e o policial. Se é verdade que, desde a derrubada da ditadura civil-militar, as relações sociais no Brasil começaram a sofrer suas mais profundas mudanças, o que se vê nesses filmes pode ser a percepção de um mundo instável no qual a violência, compreendida como maldição herdada de ações passadas (ocorridas não apenas na esfera individual), anuncia-se constantemente, de forma semelhante ao que ocorre na ficção gótica.

Pensados a partir desse ponto de vista, é possível sugerir que esses filmes abordam aspectos ainda não resolvidos das tensões que vivemos no Brasil. De alguma forma, a herança da escravidão nas relações sociais e trabalhistas, tratada ao longo da história do cinema brasileiro em diferentes chaves (cômica, melodramática, revolucionária, policiaesca etc.) pode estar começando a ser tratada do ponto de vista do horror – entendido aqui como a representação daquilo que sentimos diante da ameaça de uma explosão mortal de violência. O fato é que, diante desses filmes, e ainda que na maioria deles haja poucas cenas explicitamente violentas, o espectador identifica-se com a percepção das personagens de que a qualquer momento algo terrível pode acontecer – mas não por estarem diante de forças sobrenaturais ou insanas e, sim, em função de mazelas atávicas da sociedade brasileira. Não há de ser surpresa, então, que motivos típicos da ficção de horror apareçam em filmes que tratam de temas como o passado escravocrata, o racismo, o coronelismo, o subdesenvolvimento, a pobreza, o isolamento e a desigualdade. É um senso de decadência de um estado de coisas o que esses filmes trazem.

Essa representação de um mundo tradicional em dissolução assombrado por forças antigas e malignas nada tem de casual. O estilo gótico disseminou, ao longo de mais de dois séculos, múltiplas influências na literatura, no teatro, nas artes visuais, na música e no cinema, e teve suas estratégias repetidas à exaustão. No entanto, suas raízes profundas na questão do pertencimento a uma terra e na ideia da deterioração de um regime social e econômico também não perderam completamente seu potencial de reflexão histórica e política, como esses novos filmes brasileiros vêm mostrar.

Tal abordagem não é exatamente nova no nosso cinema – haja vista os filmes de horror de Walter Hugo Khouri *O anjo da noite* (1974), e *As filhas do fogo* (1978), que tematizaram a nova configuração das relações entre homens e mulheres naquela década, influenciando diretores como Jean Garrett (*A força dos sentidos*, 1979). Esse procedimento também não é inédito no cinema internacional, como se percebe, por exemplo, em obras de cineastas como Michael Haneke e David Cronenberg. Mas o tema ganha relevância por aqui pela percepção – tanto dos realizadores quanto dos críticos – de que o horror pode ocupar espaço no debate mais amplo sobre o cinema nacional, saindo do nicho em que conservara-se até então.

Talvez o exemplo mais acabado – e genuinamente horrífico – desse processo possa ser encontrado no curta-metragem *Ninjas*, de Dennison Ramalho, realizado em 2010. Nesse filme, um policial militar inexperiente está começando sua carreira como membro de um grupo de extermínio composto por homens deformados por faces de caveiras que atuam em comunidades pobres. Ele vê-se, porém, assombrado, de um lado, pelo fantasma de um menino morto por engano, e de outro, por cultos cristãos dedicados à pregação do ódio. Em *Ninjas*, o horror social e o horror tradicional apresentam-se atrelados, inextrincáveis, numa percepção sobre a estrutura social brasileira que, afinal, pode configurar-se – e configura-se para grande parte da população – como uma narrativa de horror, numa antecipação constante da morte violenta e inapelável. De certa maneira, *Ninjas* pode ser visto como um protótipo que os outros diretores seguiram – intencionalmente ou não – em direção ao horror como moldura possível para pensarmos a nossa história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Fernando Morais da. **Notas sobre o som nas cinematografias argentina e brasileira contemporâneas.** Anais do XXXVI Intercom - Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, AM, 2013.

FURTADO, Filipe. **Um menino sobre o muro.** In: Revista Cinética. Mar. 11, 2013. Disponível em: <<http://revistacinetica.com.br/home/o-som-ao-redor-de-kleber-mendonca-filho-brasil-2012/>>

GIGLIOTI, Cristian. **O som ao redor: sociedade em ausculta.** In: Revista Laika – USP. Jun, 2013. Disponível em: <<http://www.revistalaika.org/wp-content/uploads/2014/02/SOCIEDADE-EM-AUSCULTA.pdf>>

SÁ, Daniel Serravale. **The daughters of fire: Walter Hugo Khouri's female gothic.** In: Revista Ilha do Deserto, n° 62. Florianópolis, jan/jun 2012, pp. 293-318.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador.** São Paulo, Cia. das Letras, 2012.



A Lasanha Assassina

ALE MCHADDO, SP, 2002, 8'

Nesta animação satírica, uma lasanha é esquecida no interior de um congelador com defeito. A baixa temperatura e os gases do aparelho causam uma mutação e dão vida à lasanha, transformando-a em um monstro cheio de revolta. A história é apresentada pelo Zé do Caixão.

DIREÇÃO Ale McHaddo

ROTEIRO Ale McHaddo

MONTAGEM Ale McHaddo

FOTOGRAFIA Ale McHaddo

ELENCO Arianne Brogini, Franco

Rattichiere, Sofia Kreutz, Zé do Caixão



A Mão que Afaga

GABRIELA AMARAL ALMEIDA, SP, 2011, 19'

No aniversário de 9 anos de seu único filho, uma operadora de telemarketing planeja uma festa que tem poucas chances de dar certo.

DIREÇÃO **Gabriela Amaral Almeida**
ROTEIRO **Gabriela Amaral Almeida**
MONTAGEM **Marco Dutra**
FOTOGRAFIA **Matheus Rocha**
ELENCO **Antônio Camargo, Luciana Paes**



A Menina do Algodão

KLEBER MENDONÇA FILHO E DANIEL BANDEIRA, PE, 2002, 8'

A lenda da garotinha morta que aterrorizou crianças nas escolas do Recife nos anos 1970.

DIREÇÃO **Kleber Mendonça Filho e Daniel Bandeira**
ROTEIRO **Kleber Mendonça Filho, Daniel Bandeira**
MONTAGEM **Kleber Mendonça Filho, Daniel Bandeira**
FOTOGRAFIA **Kleber Mendonça Filho**
ELENCO **Daniel Bandeira, Ediane Cristine da Silva**



A Noite do Chupacabras

RODRIGO ARAGÃO, ES, 2011, 104'

A rixa entre duas famílias, Silva e Carvalho, é a distração perfeita para camuflar os ataques do chupacabras. Enquanto os rivais entram em combate, a sinistra criatura lambe o sangue de vítimas sem chance de defesa. Num clima de banguê-banguê e fábula épica, o filme tem banhos de sangue, muitos tiros e um monstro 100% latino-americano.

DIREÇÃO **Rodrigo Aragão**

ROTEIRO **Rodrigo Aragão**

MONTAGEM **Rodrigo Aragão**

FOTOGRAFIA **Secundo Rezende**

ELENCO **Walderrama dos Santos, Joel**

Caetano, Petter Baiestorf, Mayra Alarcón



Achados e Perdidos

JOSÉ JOFFILY, RJ, 2005, 105'

Drama policial ambientado nas ruas do submundo do bairro carioca de Copacabana, onde nada é o que parece ser. Antonio Fagundes é o policial aposentado Vieira, principal suspeito do assassinato de sua amante, a prostituta Magali (Zezé Polessa). Um amigo do passado volta para assombrá-lo com cruéis chantagens.

DIREÇÃO **José Joffily**

ROTEIRO **Paulo Halm, Jorge Durán**

MONTAGEM **Eduardo Escorel**

FOTOGRAFIA **Nonato Estrela**

ELENCO **Antonio Fagundes, Zezé Polessa,**

Juliana Knust, Roberto Bomtempo



Amor Só de Mãe

DENNISON RAMALHO, SP, 2002, 20'

Numa aldeia de pescadores, acontecimentos macabros desenrolam-se numa noite de satanismo, morte e orações à Nossa Senhora da Cabeça.

DIREÇÃO Dennison Ramalho

ROTEIRO Dennison Ramalho, Pai Alex

MONTAGEM Estevan Santos

FOTOGRAFIA José Roberto Eliezer

ELENCO Débora Muniz, Everaldo Pontes, José Salles, Rynaldo Papoy, Vera Barreto Leite



Bellini e o Demônio

MARCELO GALVÃO, SP, 2008, 90'

O detetive Bellini é contratado por uma pessoa misteriosa para que encontre um manuscrito do “Livro da Lei”, relacionado a rituais satânicos. Os escritos podem revelar uma série de crimes brutais que ocorreram ao longo dos anos. Ao mesmo tempo, a jornalista Gala investiga a morte de uma garota brutalmente assassinada no banheiro de um colégio de classe média.

DIREÇÃO Marcelo Galvão

ROTEIRO Marcelo Galvão

MONTAGEM Marcelo Galvão,

Theodoro Fontes

FOTOGRAFIA Rodrigo Tavares

ELENCO Fábio Assunção, Rosane Mulholland, Nill Marcondes, Mariana Clara, Caroline Abras



Brasília 18%

NELSON PEREIRA DOS SANTOS, RJ, 2006, 102'

Um famoso médico legista é convidado para dar um parecer na perícia de identificação de uma ossada, que pode ser de uma economista e assessora parlamentar desaparecida há vários meses na capital federal.

DIREÇÃO Nelson Pereira dos Santos
ROTEIRO Nelson Pereira dos Santos
MONTAGEM Alexandre Saggese
FOTOGRAFIA Edgar Moura
ELENCO Carlos Alberto Riccelli, Carlos Vereza, Anselmo Vasconcelos, Arnaldo Marques, Bruna Lombardi



Bufo & Spallanzani

FLÁVIO R. TAMBELLINI, RJ, 2001, 96'

Ivan Canabrava é um detetive da Companhia Panamericana de Seguros que está investigando o caso de um fazendeiro morto após fazer seguro milionário. Desconfiado de que a empresa onde trabalha esteja sendo vítima de fraude, Ivan passa a investigar a viúva e descobre, no apartamento do casal, um sapo morto e uma planta exótica.

DIREÇÃO Flávio R. Tambellini
ROTEIRO Flávio R. Tambellini, Patrícia Melo, Rubem Fonseca
MONTAGEM Sérgio Mekler
FOTOGRAFIA Breno Silveira
ELENCO José Mayer, Gracindo Junior, Isabel Guéron, Juca de Oliveira, Tony Ramos, Maitê Proença



Corpo

ROSSANA FÓGLIA E RUBENS REWALD, SP, 2007, 86'

Em São Paulo, o cadáver de uma garota que parece ter morrido há décadas é encontrado numa vala comum. Apesar do tempo desde a morte da moça, o corpo ainda está conservado. A descoberta agita a vida do entediado médico-legista Artur.

DIREÇÃO Rossana Foglia e Rubens Rewald
ROTEIRO Rossana Foglia, Rubens Rewald
MONTAGEM Idê Lacreata
FOTOGRAFIA Mário Langeani
ELENCO Chris Couto, Leonardo Medeiros, Louise Cardoso, Regiane Alves, Rejane Arruda



Desaparecidos

DAVID SCHÜRMAN, SP, 2011, 72'

Convidados para uma festa em Ilhabela, seis amigos devem pendurar uma pequena câmera no pescoço e registrar em vídeo cada passo da jornada até a festa e seus momentos de diversão. No entanto, eles somem misteriosamente. A polícia encontra apenas as câmeras, pelas quais se poderá descobrir o que realmente aconteceu.

DIREÇÃO David Schürmann
ROTEIRO David Schürmann, Rafael Blecher
MONTAGEM Paulo Pandolpho
FOTOGRAFIA Todd Southgate
ELENCO Adriana Veraldi, André Madrini, Charlene Chagas, Fernanda Peviani



Encarnação do Demônio

JOSÉ MOJICA MARINS, SP, 2008, 93'

Após 30 anos preso, Zé do Caixão é finalmente libertado. Novamente em contato com as ruas, o sádico coveiro está decidido a cumprir a mesma meta que o levou à prisão: encontrar a mulher que possa gerar seu filho perfeito.

DIREÇÃO José Mojica Marins
ROTEIRO José Mojica Marins, Dennison Ramalho
MONTAGEM Paulo Sacramento
FOTOGRAFIA José Roberto Eliezer
ELENCO José Mojica Marins, Milhem Cortaz, Débora Muniz, Jece Valadão, Helena Ignez



Encosto

JOEL CAETANO, SP, 2013, 7'

Depois de fazer um ritual de magia negra, homem descobre que o preço a pagar por seus desejos pode ser alto demais.

DIREÇÃO Joel Caetano
ROTEIRO Joel Caetano
MONTAGEM Joel Caetano
FOTOGRAFIA Fernando Calabron
ELENCO Joel Caetano



Espeto

GUILHERME MARBACK E SARA SILVEIRA, SP, 2006, 16'

Comédia de humor negro sobre um garçom de churrascaria cujo sonho é servir picanha, a mais nobre das carnes. Por enquanto, ele serve linguça. Para atingir seu objetivo, ele vai ser capaz de cometer crimes com requintes de crueldade.

DIREÇÃO **Guilherme Marback e Sara Silveira**
ROTEIRO **Guilherme Marback, Sara Silveira**
MONTAGEM **Guilherme Marback**
FOTOGRAFIA **Carlos Reichenbach**
ELENCO **Cacá Carvalho, Dionísio Neto, Jiddu Pinheiro, Luis Henrique, Bertrand Duarte**



FilmeFobia

KIKO GOIFMAN, SP, 2006, 80'

Jean-Claude é o diretor de um documentário que explora os limites psicológicos das pessoas, colocando-as diante de suas fobias.

DIREÇÃO **Kiko Goifman**
ROTEIRO **Hilton Lacerda, Kiko Goifman**
MONTAGEM **Vânia Debs**
FOTOGRAFIA **Aloysio Raulino**
ELENCO **Thiago Amaral, Marcela Bannitz, Jean-Claude Bernardet, Cris Bierrenbach**



Gêmeas

ANDRUCHA WADDINGTON, RJ, 1999, 75'

As irmãs gêmeas idênticas Iara e Marilena vivem pregando peças nos homens, fazendo-se passar uma pela outra. Marilena conhece Osmar, por quem se apaixona. O mesmo, entretanto, acontece com Iara, que decide seduzir o namorado da irmã sem que nem ele nem ela saibam.

DIREÇÃO **Andrucha Waddington**
ROTEIRO **Andrucha Waddington, Elena Soárez**
MONTAGEM **Sérgio Mekler**
FOTOGRAFIA **Breno Silveira**
ELENCO **Fernanda Torres, Evandro Mesquita, Francisco Cuoco**



Mangue Negro

RODRIGO ARAGÃO, ES, 2008, 105'

Uma remota comunidade de pescadores, cercada por um misterioso manguezal, tem sua rotina transformada em pesadelo quando zumbis emergem das entranhas do mangue em busca de carne humana.

DIREÇÃO **Rodrigo Aragão**
ROTEIRO **Rodrigo Aragão**
MONTAGEM **Rodrigo Aragão**
FOTOGRAFIA **Bruno Maranhão, Mauricio Junior, Rodrigo Aragão**
ELENCO **Ricardo Araújo, Kika de Oliveira, Walderrama dos Santos, Markus Konká**



Mar Negro

RODRIGO ARAGÃO, ES, 2013, 107'

Estranha contaminação atinge uma pequena vila de pescadores. Quando peixes e crustáceos transformam-se em horrendas criaturas transmissoras de morte e destruição, o solitário Albino luta pelo grande amor da sua vida, arriscando a própria alma numa desesperada fuga pela sobrevivência.

DIREÇÃO Rodrigo Aragão
ROTEIRO Rodrigo Aragão
MONTAGEM Rodrigo Aragão
FOTOGRAFIA Marcelo Castanheira
ELENCO Tiago Ferri, Markus Konka, Walderrama dos Santos, Kika Oliveira



Morgue Story – Sangue, Baiacu & Quadrinhos

PAULO BISCAIA FILHO, PR, 2010, 78'

Uma quadrinhista encontra um cataléptico e um estranho legista no necrotério. O mistério de uma poção vodu se revela em meio a caos, estupro e sangue.

DIREÇÃO Paulo Biscaia Filho
ROTEIRO Paulo Biscaia Filho
MONTAGEM Paulo Biscaia Filho
FOTOGRAFIA Alexander de Marco
ELENCO Leandro Daniel Colombo, Mariana Zanette, Anderson Faganello, Edson Bueno



Morte e Morte de Johnny Zombie

GABRIEL CARNEIRO, SP, 2010, 13'

Johnny Zombie é um mero engenheiro de plantão numa fábrica de pesticidas. Um gás tóxico vaza e, aos poucos, Johnny morre, ainda que vivo.

DIREÇÃO Gabriel Carneiro

ROTEIRO Gabriel Carneiro

MONTAGEM Fábio Yamaji

FOTOGRAFIA Pedro Ribaneto

ELENCO Joel Caetano, Charlene Chagas, Felipe M. Guerra, Ana Luiza Garcia, Mariana Zani



Nervo Craniano Zero

PAULO BISCAIA FILHO, PR, 2012, 88'

Escritora de sucesso tem um plano sórdido para evitar a perda da criatividade. Sabendo da existência de um chip que altera a inspiração das pessoas quando implantado no cérebro, ela procura o inventor. O problema é que a autora não pretende fazer a experiência em si, mas realizá-la em outra cobaia humana.

DIREÇÃO Paulo Biscaia Filho

ROTEIRO Paulo Biscaia Filho

MONTAGEM Paulo Biscaia Filho

FOTOGRAFIA Mauricio Baggio

ELENCO Guenia Lemos, Uyara Torrente, Leandro Daniel Colombo



Ninjas

DENNISON RAMALHO, SP, 2009, 15'

Em crise após matar um inocente durante ação na favela, policial militar é introduzido na unidade dos Ninjas, grupo de extermínio que se dedica a eliminar sadicamente suspeitos de crimes violentos. Mas o passado não lhe deixará em paz.

DIREÇÃO Dennison Ramalho
ROTEIRO Dennison Ramalho, Marcelo Velloso, Marco de Castro
MONTAGEM Paulo Sacramento
FOTOGRAFIA José Roberto Eliezer
ELENCO André Ceccato, André Luís Patrício, Carlos Mecení, Flávio Bauraqui, Juliana Galdino



O Duplo

JULIANA ROJAS, SP, 2012, 25'

Silvia é uma jovem professora de ensino fundamental. Certo dia, sua aula é interrompida quando um dos alunos vê um duplo da professora andando no outro lado da rua. O evento perturbador passa a impregnar o cotidiano dela e altera sua personalidade.

DIREÇÃO Juliana Rojas
ROTEIRO Juliana Rojas
MONTAGEM Manoela Ziggatti
FOTOGRAFIA Flora Dias
ELENCO Sabrina Greve, Gilda Nomacce, Majeca Angelucci, Henrique Rabelo



O Escorpião Escarlate

IVAN CARDOSO, RJ, 1990/1993, 85'

Filme baseado na radionovela *As aventuras do anjo*, veiculada nos anos 1950. O Anjo é um playboy milionário que luta contra o crime, especialmente contra seu inimigo mortal, o vilão Escorpião Escarlate, que sequestrou a estilista Glória Campos, apaixonada pelo herói.

DIREÇÃO **Ivan Cardoso**

ROTEIRO **Rubens Francisco Lucchetti**

MONTAGEM **Gilberto Santeiro**

FOTOGRAFIA **Carlos Egberto, Renato**

Lacletti, José Tadeu

ELENCO **Andréa Beltrão, Herson Capri, Nuno**

Leal Maia, Monique Evans, Leo Jayme



O Fim da Picada

CHRISTIAN SAGHAARD, RJ, 2008, 80'

Saci, Exu e Satanismo: Macário participa de uma orgia satanista numa praia brasileira do ano de 1850. Na manhã seguinte, inicia sua viagem subindo a serra em direção a São Paulo, montado em seu burro. No trajeto encontra Exú-Lebara, versão feminina da entidade fantástica do candomblé.

DIREÇÃO **Christian Saghaard**

ROTEIRO **Christian Saghaard**

MONTAGEM **André Francioli**

FOTOGRAFIA **Janice D'Avila**

ELENCO **Ricardo De Vuono, Claudia**

Juliana, Analu Silveira, Sandro Acrisio



O Hóspede

ANACÃ AGRA E RAMON PORTO MOTA, PB, 2011, 17'

Em uma pousada no interior da Paraíba, um estranho hóspede e um incidente misterioso deixam o proprietário inquieto e obcecado em descobrir quem é aquele homem e o que ele está fazendo ali.

DIREÇÃO **Anacã Agra e Ramon Porto Mota**
ROTEIRO **Anacã Agra, Ramon Porto Mota**
MONTAGEM **Anacã Agra, Ramon Porto Mota**
FOTOGRAFIA **Jhésus Tribuzi**
ELENCO **Fernando Teixeira, Walmar Pessoa, Sôia Lira, Oscar Neto, Geovanne Santos**



O Lençol Branco

JULIANA ROJAS E MARCO DUTRA, SP, 2003, 17'

Em uma casa de subúrbio, uma mulher é obrigada a lidar com a presença da morte.

DIREÇÃO **Juliana Rojas e Marco Dutra**
ROTEIRO **Juliana Rojas, Marco Dutra**
MONTAGEM **Pedro Granato**
FOTOGRAFIA **Eduardo Barros**
ELENCO **Clarissa Kiste, Lilian Blanc, Sérgio de Oliveira**



O Membro Decaído

LUCAS SÁ, MA, 2013, 17'

O horror é roxo.

DIREÇÃO **Lucas Sá**
ROTEIRO **Lucas Sá**
MONTAGEM **Lucas Mendonça**
FOTOGRAFIA **Lucas Sá**
ELENCO **Gabriel Coelho, Laura Sá, Verbena Régina, Guilherme Borges**



O Xangô de Baker Street

MIGUEL FARIA JR, RJ, 2001, 124'

O famoso detetive Sherlock Holmes e seu inseparável companheiro Dr. Watson vêm ao Rio de Janeiro do século XIX. Eles investigam uma série de assassinatos associados àquele que é considerado o primeiro serial killer da história.

DIREÇÃO **Miguel Faria Jr**
ROTEIRO **Patrícia Melo**
MONTAGEM **Diana Vasconcellos**
FOTOGRAFIA **Lauro Escorel**
ELENCO **Joaquim de Almeida, Marco Nanini, Anthony O'Donnell, Maria de Medeiros, Cláudia Abreu**



Olhos de Vampa

WALTER ROGÉRIO, SP, 1996, 78'

Crimes em série aterrorizam o bairro de Pinheiros, em São Paulo. Jovens mulheres têm todo o sangue de seus corpos sugado por uma mordida na nádega direita e são encontradas amarradas com fita isolante nos pulsos e um pêssago enfiado na boca. Os policiais Oscar e Leôncio são encarregados de capturar o criminoso.

DIREÇÃO Walter Rogério
ROTEIRO Walter Rogério
MONTAGEM Michael Ruman
FOTOGRAFIA Cláudio Portioli
ELENCO Marco Ricca, Washington Luiz Gonzales, Christiane Tricerri, Antônio Abujamra



Quando Eu Era Vivo

MARCO DUTRA, SP, 2014, 108'

Após o fim do casamento e a perda do emprego, Júnior retorna à casa do pai, que já não é a mesma de sua infância. Seu quarto agora está habitado pela jovem inquilina Bruna e todo o ambiente lhe parece inóspito e opressor. Júnior desenvolve uma obsessão pela história da família, ao mesmo tempo em que acontecimentos sombrios passam a fazer parte da rotina da casa.

DIREÇÃO Marco Dutra
ROTEIRO Gabriela Amaral Almeida, Marco Dutra
MONTAGEM Juliana Rojas
FOTOGRAFIA Ivo Lopes Araújo
ELENCO Antonio Fagundes, Marat Descartes, Sandy Leah, Gilda Nomacce



Sem Controle

CRIS D'AMATO, RJ, 2007, 92'

Diretor de teatro é obcecado com a injustiça cometida contra o fazendeiro Manoel da Motta Coqueiro, caso que iniciou o processo de extinção da pena de morte no Brasil. Estimulado por uma mulher misteriosa, ele ensaia uma peça sobre Motta Coqueiro, na qual interpreta o fazendeiro e os demais papéis são vividos por pacientes psiquiátricos. Quando os limites entre real e imaginário confundem-se, o diretor é forçado a reviver os fatos históricos em primeira pessoa.

DIREÇÃO Cris D'Amato
ROTEIRO Sylvio Gonçalves
MONTAGEM Eduardo Hartung
FOTOGRAFIA Nonato Estrela
ELENCO Eduardo Moscovis,
 Milena Toscano, Vanessa
 Gerbelli, Dirce Migliaccio



Sexta-feira da Paixão

IVO COSTA, MG, 2014, 15'

Inspirado num “causo” do interior de Minas, a assustadora história do conquistador José Fernandes, um jovem atormentado por seu misterioso passado.

DIREÇÃO Ivo Costa
ROTEIRO Ivo Costa
MONTAGEM Caetano Drumond
FOTOGRAFIA Lucas Hallel, André
 Gulla, Bruno Carvalho
ELENCO Hudson Oliveira, Rebeca
 Figueiredo, Daniela Fontes, Maria de
 Lourdes, Sofia Pugliese, Luiza Helena



Sintomas

FERNANDO MANTELLI, RS, 2004, 25'

Após sofrer um aborto, mulher vai viajar com o marido. Apesar de não lembrar de ter feito sexo, a mulher volta de lá achando que está grávida de algo maligno.

DIREÇÃO **Fernando Mantelli**
ROTEIRO **Fernando Mantelli**
MONTAGEM **Milton do Prado**
FOTOGRAFIA **Ivo Czamanski**
ELENCO **Rita Guedes, Nelson Diniz**



Strovengah – Amor Torto

ANDRÉ SAMPAIO, RJ, 2004, 88'

Pedro e Marcela vivem voluntariamente isolados em decadente casa no alto de uma serra de beleza natural. Ele, um ex-publlicitário, dedica-se a escrever um romance. Ela, aspirante a cantora, deixa-se levar pelas obsessões do amante. Uma insólita comitiva de bonecos manequins, encomendados por Pedro para servir de inspiração na redação de seu livro, acaba por transformar a vida do casal.

DIREÇÃO **André Sampaio**
ROTEIRO **André Sampaio**
MONTAGEM **Severino Dadá**
FOTOGRAFIA **Fabrizio Tadeu**
ELENCO **Otoniel Serra, Rose Abdallah, José Marinho, Nelo Marrese**



Trabalhar Cansa

JULIANA ROJAS E MARCO DUTRA, SP, 2011, 99'

A jovem dona de casa Helena resolve realizar um desejo antigo e abrir seu primeiro empreendimento: um minimercado. Ela contrata a empregada doméstica Paula para tomar conta das tarefas do lar e de Vanessa, sua filha. Quando o marido perde o emprego numa grande corporação, ocorrências perturbadoras passam a ameaçar os negócios de Helena.

DIREÇÃO Juliana Rojas e Marco Dutra

ROTEIRO Juliana Rojas, Marco Dutra

MONTAGEM Caetano Gotardo

FOTOGRAFIA Matheus Rocha

ELENCO Marat Descartes, Helena Albergaria, Naloana Lima, Marina Flores



Um Lobisomem na Amazônia

IVAN CARDOSO, RJ, 2005, 99'

O dr. Moreau, cientista geneticista e maluco, vai para a Amazônia depois da destruição de sua ilha. Aplicando técnicas de manipulação genética próprias ou do nazista dr. Mengele, ele cria diversos seres bizarros. Enquanto isso, um grupo de jovens turistas inicia uma jornada pela floresta até a área de Cerro Dourado, local de mortes misteriosas.

DIREÇÃO Ivan Cardoso

ROTEIRO R. F. Lucchetti, Evandro Mesquita, Paul Naschy

MONTAGEM João Paulo Carvalho

FOTOGRAFIA José Guerra

ELENCO Paul Naschy, Danielle Winitz, Evandro Mesquita, Karina Bacchi, Nuno Leal Maia, Tony Tornado



Um Ramo

JULIANA ROJAS E MARCO DUTRA, SP, 2007, 15'

Clarisse descobre que uma pequena folha cresce em seu braço direito.

DIREÇÃO **Juliana Rojas e Marco Dutra**
ROTEIRO **Juliana Rojas, Marco Dutra**
MONTAGEM **Caetano Gotardo**
FOTOGRAFIA **Matheus Rocha**
ELENCO **Helena Albergaria, Marat Descartes, Gilda Nomacce**



Vinil Verde

KLEBER MENDONÇA FILHO, PE, 2004, 16'

Mãe dá para filha uma caixa cheia de velhos disquinhos coloridos. A menina poderá ouvi-los, exceto o vinil verde.

DIREÇÃO **Kleber Mendonça Filho**
ROTEIRO **Bohdana Smyrnova, Kleber Mendonça Filho**
MONTAGEM **Kleber Mendonça Filho, Daniel Bandeira, João Carpinteiro**
FOTOGRAFIA **Kleber Mendonça Filho**
ELENCO **Gabriela Souza, Verônica Alves, Ivan Soares**

palestras/debate

28/10 19h PALESTRA

Cinema de horror: das origens ao abraqueiramento

O jornalista e pesquisador Carlos Primati discute as principais características do terror, desde suas origens literárias até os filmes mais essenciais feitos ao longo dos anos, e reflete sobre de que maneira os elementos constitutivos do gênero foram aplicados ou reconfigurados em filmes brasileiros.

30/10 19h15 DEBATE

Cinema de terror: gênero brasileiro?

Juliana Rojas (diretora e roteirista), Rodrigo Carreiro (professor e pesquisador) e Gabriela Amaral Almeida (diretora e roteirista) discutem a presença do horror no cinema do Brasil e de que maneira a produção do gênero no país vem se renovando nos últimos 20 anos a partir de novas formas de abordagem e realização.

1/11 18h PALESTRA

Medo de quê? Uma história do horror no cinema brasileiro

A partir de sua tese de doutorado, a pesquisadora e professora Laura Loguercio Cáncipa aborda a historiografia do terror no Brasil, desde o primeiro filme com elementos do gênero (*O jovem tataravô*, 1936), passando pela inventividade de José Mojica Marins nos anos 1960, o ápice da produção nos anos 1970 e a retomada sob novos aspectos nos anos 1990 e 2000.

currículos AUTORES/DEBATEDORES

CARLOS PRIMATI

Jornalista e crítico especializado em cinema de horror. Pesquisou a obra de José Mojica Marins, sobre quem publicou artigos em diversos livros e organizou o lançamento dos filmes de Zé do Caixão em DVD. Idealizou a mostra Horror no Cinema Brasileiro, dedicada à produção nacional no gênero, em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Participou da retrospectiva completa sobre Alfred Hitchcock no Cine Humberto Mauro, em Belo Horizonte.

GABRIELA AMARAL ALMEIDA

Mestre em literatura e cinema de horror, com especialização em roteiro pela Escuela Internacional de Cine y TV (EICTV) de Cuba. Diretora, dramaturga e roteirista em trabalhos de Cao Hamburger, Márcia Faria, Cibele Forjaz e Marco Dutra. Dirigiu os curtas-metragens *Náufragos* (2011), *Uma primavera* (2011), *A sutil circunstância* (2011), *A mão que afaga* (2012), *Terno* (2013) e *Estátua!* (2014). Atualmente desenvolve seus primeiros longas-metragens, *A sombra do pai* e *Contato*, e trabalha no roteiro do novo filme de Cao Hamburger, adaptado do romance De repente, nas profundezas do bosque, do escritor israelense Amos Oz.

JULIANA ROJAS

Cineasta, roteirista e montadora, formada em Cinema pela ECA-USP, onde deu início à parceria com o também diretor Marco Dutra. O primeiro curta-metragem da dupla, *O lençol branco* (2004), participou da mostra Cinéfondation do Festival de Cannes. Eles voltaram ao festival com o curta *Um ramo* (2007), na Semana da Crítica, e com o longa *Trabalhar cansa* (2011), na mostra Um Certo Olhar. Montou o longa *Quando eu era vivo*, de Marco Dutra, e assinou a direção solo dos curtas *O Duplo* (2012), também exibido em Cannes, *Pra eu dormir tranquilo* (2011) e *Vestida* (2008), e do longa *Sinfonia da necrópole* (2014).

currículos AUTORES/DEBATEDORES

LAURA LOGUERCIO CÂNEPA

Jornalista e pesquisadora de cinema. Doutora em Multimeios pelo IAR-Unicamp (2008), mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP (2002) e graduada em Jornalismo pela FABICO-URFGS (1996), é docente e coordenadora do Mestrado em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi e Pós-Doutoranda no Departamento de Cinema, Televisão e Rádio da ECA-USP. É membro da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE) e Coordenadora do GP de Cinema da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Colaboradora de diversas publicações acadêmicas e jornalísticas, é autora da tese de doutorado “Medo de Quê? - Uma história do horror nos filmes brasileiros”.

RODRIGO CARREIRO

Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco desde 2011, coordenador do Bacharelado em Cinema e Audiovisual da UFPE (2010-2014) e membro do Conselho da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE) desde 2011. Possui doutorado e mestrado em Comunicação pela UFPE. É bacharel em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Atua principalmente nas áreas de teoria e história do cinema, com ênfase na análise fílmica, nos estudos dos gêneros fílmicos e nos estudos do som, além de interesse especial na pesquisa da estilística cinematográfica e no cinema de horror. É autor do livro *Era uma vez no spaghetti western: o estilo de Sergio Leone* (Editora Estronho, 2014).



Cine Humberto Mauro
24/OUT a 2/NOV . 2014

PATROCÍNIO

Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte
Fundação Municipal de Cultura
Prefeitura de Belo Horizonte

REALIZAÇÃO

Enquadramento Produções

CURADORIA E COORDENAÇÃO

Marcelo Miranda

PRODUÇÃO

Leonardo Mecchi

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO (SÃO PAULO)

Mariani Ohno

MONITORIA

Gabriel Pinheiro

Malu Ramos

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Ariane Lemos

CONCEPÇÃO VISUAL E PROJETO GRÁFICO

Amatraca Desenho Gráfico

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Marcelo Miranda

REVISÃO

Luciana Eastwood Romagnolli

VINHETA

Gabriel Martins

PRESTAÇÃO DE CONTAS E CONSULTORIA FINANCEIRA

Renata Figueiredo

Projeto realizado com recursos da Lei de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte - FPC 819/2012

AGRADECIMENTOS

**Alexandra Duarte . Ariane Lemos . Carlos Prinati . Clarissa Vieira . Juliana Rojas . Lara Lima .
Laura Loguercio Cánepa . Leonardo Mecchi . Luciana Eastwood Romagnolli . Marco Dutra .
Paulo Biscaia Filho . Rafael Ciccarini . Renata Figueiredo . Rodrigo Carreiro . Thiago André**

E a José Mojica Marins, inventor do cinema de horror brasileiro.